



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**INSTITUTO DE ARTES**

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA**

**O processo de adaptação de uma professora de flauta doce aos desafios do ensino remoto durante a pandemia de COVID-19 em dois conservatórios de Minas Gerais**

Uberlândia, novembro de 2024.

**MORLENO RODRIGUES DE SOUZA JÚNIOR**

**O processo de adaptação de uma professora de flauta doce aos desafios do ensino remoto durante a pandemia de COVID-19 em dois conservatórios de Minas Gerais**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento à avaliação do componente curricular GMU141 – Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em Música – Licenciatura da Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação do professor José Soares.

Uberlândia, novembro de 2024.

# **O processo de adaptação de uma professora de flauta doce aos desafios do ensino remoto durante a pandemia de COVID-19 em dois conservatórios de Minas Gerais**

*Morleno Rodrigues de Souza Júnior*

## **Resumo**

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa que investigou o processo de adaptação de uma professora de flauta doce, identificada como Flávia, aos desafios do ensino remoto durante a pandemia de COVID-19 em dois conservatórios de Minas Gerais. A pesquisa, estruturada como um estudo de caso, utilizou entrevista semiestruturada com a professora para coletar dados sobre sua formação profissional, experiência docente e as adaptações realizadas para o ensino remoto. A análise dos dados revelou que a professora enfrentou desafios como a falta de familiaridade de alguns alunos com as tecnologias, a necessidade de adaptar as práticas pedagógico-musicais ao ambiente virtual e as dificuldades em transmitir as nuances da técnica instrumental da flauta doce à distância. Para contornar esses desafios, a professora Flávia adotou estratégias como a realização de aulas síncronas, a flexibilização do programa, o uso de recursos visuais e a humanização do ensino, buscando criar um ambiente acolhedor e compreensivo. O estudo destaca a importância da música como ferramenta de suporte emocional durante a pandemia, observando que o estudo da música se tornou uma forma de escape para os alunos diante do isolamento social e das dificuldades impostas pelo distanciamento social. As experiências da professora Flávia revelam a resiliência e a capacidade de adaptação dos docentes de música diante de um cenário desafiador, evidenciando a necessidade de investimentos em políticas públicas que garantam o acesso à tecnologia e o desenvolvimento profissional dos professores.

**Palavras-chave:** Ensino Remoto de Música, flauta doce, Pandemia de COVID-19.

## **Abstract**

This undergraduate paper presents the findings of a qualitative research study that investigated the adaptation process of a recorder teacher, identified as Flávia, to the challenges of remote teaching during the COVID-19 pandemic in two music conservatories in Minas Gerais, Brazil. The research, structured as a case study, employed a semistructured interview with the teacher to collect data on her professional background, teaching experience, and the adaptations made for remote teaching. Data analysis revealed that the teacher faced challenges such as students' unfamiliarity with technologies, the need to adapt pedagogical practices to the virtual environment, and the difficulties in conveying the nuances of recorder instrumental technique remotely. To overcome these challenges, Flávia adopted strategies such as conducting synchronous lessons, making the program more flexible, using visual resources, and an humanizing teaching approach, aiming to create a welcoming and understanding environment. The study highlights the importance of music as a tool for emotional support during the pandemic, observing that studying music became a form of escape for students facing social isolation and the difficulties imposed by social distancing. Flávia's experiences reveal the resilience and adaptability of music teachers in the face of a challenging

scenario, underscoring the need for investments in public policies that ensure Access to technology and professional development for teachers.

Keywords: Remote Music Teaching, Recorder, COVID-19 Pandemic.

## **Introdução**

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) consiste em um artigo que busca apresentar os resultados da pesquisa intitulada “O processo de adaptação de uma professora de flauta doce aos desafios do ensino remoto durante a pandemia de COVID-19 em dois conservatórios de Minas Gerais”. O objetivo geral da investigação foi compreender o processo de adaptação pedagógico-musical de uma professora de flauta doce, que atuou nos conservatórios, aos desafios do ensino remoto durante a pandemia de COVID-19.

O presente estudo teve como objetivos específicos entender os desafios e as oportunidades do ensino remoto de flauta doce nesses conservatórios, através da análise das práticas pedagógico-musicais adotadas pela professora, das dificuldades enfrentadas e das estratégias utilizadas para torná-lo efetivo durante a pandemia. Além disso, visa identificar recursos e abordagens eficazes para o ensino remoto desse instrumento.

Há cerca de 4 anos o mundo se viu diante de um dos maiores desafios de sua história: a pandemia de COVID-19. Tudo mudou em 2020 e, para além das dificuldades enfrentadas na área da saúde, os professores de música dos conservatórios mineiros tiveram que se adaptar a uma nova realidade baseada no isolamento social. Afinal, como foi afirmado por Shuchmann et al. (2020), as autoridades e especialistas da área como a Organização Mundial da Saúde (OMS) colocaram esse como um fator crucial no combate à transmissão do coronavírus.

Neste contexto, em março daquele ano, todos os conservatórios de Minas Gerais logo suspenderam as aulas. Importante enfatizar que, em maio de 2020, órgãos reguladores como o Ministério da Educação (MEC) determinaram a continuidade do ano letivo por meio de atividades remotas. O setor educacional como um todo foi impactado de forma muito forte e abrupta, isso implicou em vários desafios para os docentes de diversas disciplinas. Mas afetou em especial os professores de música dos conservatórios, que precisaram encarar e se adaptar às inúmeras dificuldades do ensino remoto. Iniciou-se então um período de adaptação para toda a comunidade escolar dos conservatórios, a fim de que o ensino remoto fosse implementado e assimilado.

Os conservatórios de música de Minas Gerais, que fazem parte do sistema estadual de ensino, tiveram que adaptar a sua realidade de ensino musical para um trabalho totalmente à distância e de acordo com o Art. 1º da Lei nº 14.040, de 18 de Agosto de 2020 (Brasil, 2020), que estabeleceu normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública, aqui no caso a pandemia de COVID-19, essa mudança radical impactou significativamente a forma como a música é ensinada e aprendida, exigindo novas habilidades tanto dos professores quanto dos alunos.

A prática instrumental, elemento fundamental do ensino musical, precisou ser reconfigurada, com o uso de plataformas de videoconferência e recursos tecnológicos que permitissem a interação em tempo real. Além disso, a socialização, tão importante para a formação musical, foi desafiada, demandando a criação de espaços virtuais para a realização de atividades coletivas.

Uma vez que todos os conservatórios estavam de portas fechadas, o Estado estabeleceu através da resolução da SEE nº 4310/2020 o Regime de Estudo não Presencial para alunos da rede estadual de ensino que aqui incluía os 12 conservatórios em um sistema de teletrabalho, utilizando-se dos recursos e tecnologias que seus próprios professores e alunos dispunham em mãos e do Plano de Estudo Tutorado (PET) (Minas Gerais, 2020). Assim, o ensino de diversos instrumentos musicais e também de disciplinas teóricas passaram a ser realizados de forma *online*.

Para Hodges (2020), o ensino remoto emergencial, implementado durante o período pandêmico, é diferente do ensino à distância (EAD). Isso se dá, pois o segundo é pensado e estruturado desde o início para ser aplicado de forma remota, além de contar com uma equipe multiprofissional e multidisciplinar para tal que dispõe de diversos recursos e ferramentas. Já o ensino remoto emergencial foi uma alternativa para driblar o distanciamento social e contou com recursos e materiais dos próprios professores.

Em 2020, ao ministrar aulas remotas de flauta doce no conservatório de música Renato Frateschi foi possível observar de perto esse processo de adaptação. Para o ensino de música, além dos limites tecnológicos e sociais enfrentados, havia o grande desafio do fazer musical à distância privados do contato físico, algo que sempre esteve latente nas relações humanas que envolvem o ensino de música. Tal fazer musical foi possível por meio de um esforço enorme por parte dos professores que agora encontravam em seu caminho obstáculos e desafios como gravações em baixa resolução, microfones sem

qualidade sonora e talvez o principal, a falta de interação presencial que o “tocar junto” sempre proporcionou.

Dentre vários questionamentos que emergem dessa situação desafiadora, ficaram em evidência os seguintes: conhecer as adaptações realizadas pela professora durante o processo de ensino do instrumento flauta doce, entender como ela trabalhou as questões específicas do instrumento de forma remota, e além disso, verificar o que foi adaptado em relação ao que já era feito antes da pandemia para esse modelo de teletrabalho.

### **1. Aspectos metodológicos da pesquisa**

O presente estudo, que investigou o processo de adaptação de uma professora de flauta doce aos desafios do teletrabalho durante a pandemia de COVID-19, ancorou-se em uma abordagem qualitativa, buscando compreender em profundidade as experiências e os desafios vivenciados por ela. A pesquisa se caracterizou como um estudo de caso, com foco na análise do contexto específico da professora, que neste trabalho será identificada como Flávia, e sua adaptação ao ensino remoto de flauta doce nos dois conservatórios de música em que trabalhou.

A pesquisa, enquanto um estudo de caso com foco na análise detalhada do contexto da professora, encontra justificativa na necessidade de "explorar as nuances e particularidades" do processo de adaptação. Booth, Colomb e Williams (2005 p.11) afirmam que "a pesquisa na realidade anda para a frente e para trás, avançando um passo ou dois e recuando, ao mesmo tempo antecipando etapas ainda não iniciadas e, então, prosseguindo uma vez mais". O estudo de caso permite acompanhar essa dinâmica, observando como foi a formação profissional dessa professora, as diversas situações causadas pela pandemia, além das adaptações e os recursos disponíveis nesse modelo remoto de ensino para lidar com as dificuldades e garantir a continuidade do ensino da flauta doce.

A coleta de dados se deu por meio de entrevista semiestruturada com a professora Flávia e, para isso, foi elaborado um roteiro de entrevista para nortear os questionamentos alinhando os mesmos com os objetivos de pesquisa. Durante a entrevista buscou-se capturar a riqueza da narrativa da professora e compreender suas percepções sobre os desafios e oportunidades do ensino remoto de flauta doce.

A entrevista com a professora Flávia foi realizada no dia 23 de fevereiro de 2024, gravada e transcrita, gerando um arquivo de 11 páginas, possibilitando uma análise

detalhada do conteúdo em duas etapas, com a leitura atenta e repetida das transcrições, a codificação dos trechos relevantes e a categorização dos temas identificados. O cruzamento entre os dados da entrevista e a literatura sobre o tema contribuiu para a validação das interpretações e a construção de um quadro analítico consistente.

É importante destacar que a pesquisa não buscou generalizar os resultados para além do caso específico da professora Flávia, reconhecendo a singularidade de sua experiência. No entanto, o estudo contribuiu para a compreensão dos desafios e oportunidades do ensino remoto de flauta doce, oferecendo insights relevantes para outros professores e pesquisadores da área.

## **2. A formação profissional da professora Flávia**

A formação profissional da professora foi marcada por dificuldades e desafios enfrentados na trajetória formativa escolar, principalmente na universidade. Um dos desafios impostos foi conciliar trabalho e estudo. É muito comum nos cursos de licenciatura em música os alunos precisarem trabalhar durante o percurso. Para Braga (2018, p. 82), a necessidade de trabalhar durante a graduação é um reflexo das condições socioeconômicas de muitos estudantes, o que pode influenciar o envolvimento e a dedicação às atividades acadêmicas, além de contribuir para atrasos na formação. Viver de música envolve trabalhar em diferentes funções para se obter ou ampliar a renda, seja como músico performer, professor particular ou tantas outras áreas de atuação do profissional da música. Com a professora Flávia não foi diferente:

Foi um caminho bem longo digamos assim. Comecei com 9 anos, no conservatório de Uberlândia, e fiquei até os 17 anos [...]. Depois eu entrei para fazer a universidade, eu fiquei lá dois anos, depois parei, porque tive que trabalhar, voltei depois de seis anos para terminar a faculdade, nessa época faltavam um ano e meio, eu tinha que correr, porque se não iam mudar o currículo. (Professora Flávia, entrevista, dia 23/02/2024, p. 01).

Nesse sentido, Tardif e Lessard (2014) enfatizam a natureza interativa e emocional do trabalho docente, sugerindo que as experiências adquiridas ao trabalhar durante a formação podem influenciar as práticas profissionais futuras. Ao depender do trabalho realizado durante a graduação essa prática simultânea aos estudos, pode tanto alavancar quanto atrapalhar as práticas profissionais no futuro.

Outros desafios enfrentados durante a formação profissional, principalmente na universidade, segundo a professora, envolveram a mudança curricular do curso e a

extensa jornada de aulas, abrangendo manhã, tarde e noite, impedindo que muitos alunos conseguissem se dedicar adequadamente aos estudos e ainda trabalhar. Embora tenha lidado com o desafio de trabalhar e estudar, a valorização dada pela professora Flávia para a formação de nível superior a fez superar este desafio e sendo um fator motivador para finalizar o curso.

Ainda sobre a formação profissional da professora, é possível perceber, a partir de suas falas, que a técnica do instrumento foi muito trabalhada durante sua formação inicial e continuada. Ela inclusive mantém, ainda hoje, uma preocupação muito grande com a manutenção desta técnica, seja ela básica ou avançada, considerando que os conhecimentos adquiridos sobre o assunto foram essenciais para a consolidação da sua profissão docente. A professora comenta sobre a importância de aspectos estilísticos, dedilhados e agilidade técnica.

A nossa técnica que não estudamos, ela fica para trás, a gente não tem a mesma agilidade. [...] Trinados da parte do barroco francês, tanto o barroco italiano também, se você não pratica, você esquece, até mesmo dedilhados alternativos que são uma técnica difícil de se usar quando se está fazendo a base do curso técnico, eu praticamente não usei, se usei muito foram dois, no máximo. Mas quando chegamos no ensino superior, aprendemos alguns dedilhados alternativos [...]. (Professora Flávia, entrevista, dia 23/02/2024, p. 01).

A ênfase na técnica nos cursos de formação docente foi discutida por Bellochio (2003). A autora, ao pesquisar a formação profissional do educador musical, entende ser preciso manter um equilíbrio entre os aspectos técnicos/teóricos e as práticas que envolvem a didática. Comumente, o ensino musical prioriza o desenvolvimento de habilidades técnicas instrumentais e o domínio da teoria musical. No entanto, pouco se trabalha a importância de práticas pedagógicas inovadoras, que são fundamentais para tornar o aprendizado da música mais engajador e relevante para os alunos no contexto educacional contemporâneo. Bellochio (2003) cita Tardif (2002) para criticar essa abordagem excessivamente técnica, afirmando que a formação de professores é frequentemente dominada por "conteúdos e lógicas disciplinares, e não profissionais" (p. 241). Essa ênfase na teoria, se não for equilibrada com a formação pedagógica e a valorização dos saberes da prática, limita a capacidade do professor de responder aos contextos diversos e exigentes da sala de aula.

Essa percepção colocada por Bellochio pode ser identificada na fala da professora. De acordo com Flávia, ela sempre valorizou a técnica do instrumento como

“carro chefe” de suas ações, mas também mostrou que busca várias abordagens didáticas na sua prática pedagógica, principalmente diante dos desafios encontrados no ensino do instrumento durante o teletrabalho.

Outro ponto relevante na formação da professora Flávia foi a importância dada por ela para a formação continuada, seja ela escolar ou informal. Após a graduação ela seguiu participando de cursos, formações e encontros. Além disso, a prática musical na igreja que envolve diretamente o seu grupo familiar contribuiu diretamente para a sua formação musical continuada.

Nesse sentido, Bellochio (2003) destaca que as práticas de música em grupo, quando integradas a equipes que envolvem múltiplos níveis de ensino superior, como graduação, pós-graduação, cursos e outros, são valiosas para a formação dos futuros docentes. Essas experiências proporcionam um ambiente pedagógico colaborativo, onde desafios e expectativas variadas favorecem o desenvolvimento profissional.

A entrevista com a professora Flávia nos permitiu entender melhor sobre sua formação musical e como isso refletiu em sua atuação durante o período de teletrabalho. A seguir, será analisada a sua experiência como professora de flauta doce no conservatório.

### **3. A experiência como professora de flauta doce do conservatório**

A professora Flávia começou a trabalhar antes mesmo de terminar o ensino técnico de música no Conservatório Estadual de Música de Uberlândia. Ela comenta:

Estava terminando o conservatório e me chamaram para dar aula numa escolinha particular. [...] Não foi uma das melhores experiências, eu não tinha muito espaço pra atuar no que eu aprendi, que era mais recente, coisas novas para crianças e tive que me limitar a um livro que ela (a dona da escola) fez há muitos anos atrás. [...] foi um pouquinho frustrante a experiência, mas foi bom, que pude começar a atuar na área. (Professora Flávia, entrevista, dia 23/02/2024, p. 01).

Pelo relato da professora, é possível perceber a falta de autonomia pedagógico-musical que os professores iniciantes geralmente enfrentam, mesmo em instituições privadas.

A falta de autonomia pedagógico-musical também foi vivenciada nos primeiros anos de atuação docente no conservatório. Na entrevista, ela destaca que trabalhar nessa instituição exige lidar com o tradicionalismo e engessamento do ensino, ou seja, o modelo

conservatorial que pode resultar em preconceitos com o novo e, principalmente, com a atualização de antigas práticas. A professora compartilhou situações ocorridas durante seu período de aulas no conservatório que corroboram essa percepção.

Na casa que as pessoas já nos conhecem, você desenvolver um trabalho, às vezes é um pouco complicado. [...] Eu peguei alguns alunos [no Conservatório] que, a forma que eles aprenderam era bem diferente do que eu trabalhava, às vezes coisas óbvias, como lavar uma flauta, eles não sabiam. [...] Então, entramos naquela questão da base de ensino. (Professora Flávia, entrevista, dia 23/02/2024, p. 02).

No conservatório de Uberaba, por exemplo, a professora relata que se deparou com alunos que apresentavam uma formação inicial bastante distinta da sua abordagem pedagógica. Ela se surpreendeu ao constatar que alguns estudantes, mesmo com anos de estudo de flauta doce em um conservatório de música, desconheciam procedimentos básicos como a higienização da flauta. Essa discrepância a fez refletir sobre a importância de uma base sólida no ensino musical e sobre os desafios de adaptar sua prática pedagógica a realidades tão diversas.

As experiências da professora Flávia nos dois conservatórios percorrem dois períodos. O período em que a mesma era aluna da instituição por longos anos, passando sua infância e adolescência dentro da instituição, e conhecendo e sendo aluna de vários professores, e a transição de aluna para professora, marcada por desafios adicionais, como a necessidade de estabelecer relações interpessoais com colegas e coordenadores já conhecidos outrora como professores, além de lidar com as expectativas e resistências de um ambiente institucionalizado. Ela precisou navegar entre a lealdade à instituição e colegas e a busca por inovações pedagógicas, o que exigiu dela grande habilidade e resiliência.

Uma estratégia utilizada por ela para implantar novos métodos de ensino foi trabalhar o que se é proposto de forma geral no programa do conservatório, que não está totalmente alinhado com o repertório e estratégias mais atualizadas por ela, e agregar o conteúdo novo ao plano de trabalho individual. Isso fez com que, na percepção da professora, brilhassem os olhos dos seus colegas pelas novidades. Mas, para conseguir respaldo e autonomia pedagógico-musical foi preciso muita confiança no próprio trabalho realizado.

Os relatos da professora Flávia evidenciam a necessidade urgente de uma atualização nas práticas pedagógico-musicais nos conservatórios, tanto em relação aos conteúdos ensinados quanto às metodologias utilizadas nas aulas de flauta doce. A falta

de autonomia pedagógica, a resistência a novas abordagens e a manutenção de práticas tradicionais ultrapassadas, limitam a formação musical dos alunos e impedem que os professores explorem todo o seu potencial criativo. A experiência da professora em conciliar as exigências institucionais com suas próprias ideias inovadoras demonstra a importância de que os conservatórios promovam um ambiente mais flexível e aberto à experimentação, permitindo que os professores desenvolvam projetos pedagógicos personalizados e que atendam às necessidades dos alunos.

#### **4. A experiência docente durante a pandemia: os desafios encontrados**

A professora Flávia atuou em dois conservatórios simultaneamente durante o período de pandemia. Ela destacou que o contato com os alunos, para esse ensino remoto, se deu em um período após a interrupção das aulas, somado a um pequeno recesso antecipado, os professores receberam férias antecipadas e já foram sinalizados a se preparar para o ensino remoto para o retorno das aulas.

Nesse período muita coisa aconteceu e a ansiedade e a busca pela normalidade trouxe a necessidade de movimentação, tanto por parte dos alunos quanto dos professores de música dos conservatórios mineiros. Souza et al. (2021) inclusive apontam que a pandemia acelerou o processo de digitalização do ensino de música, exigindo dos professores um domínio de novas tecnologias e ferramentas digitais. No caso da professora Flávia, ela já tinha facilidade com as principais ferramentas que foram utilizadas, como o WhatsApp, no contato e criação de grupos com os alunos e familiares, com a ferramenta de chamada de vídeo do Google e com processos digitais como receber e enviar arquivos de texto, livros escaneados, partituras, gravações de áudio, vídeo e etc.

Nos conservatórios, o ensino remoto impôs desafios para os professores de música. Para os alunos mais novos, que já possuem certa facilidade com a tecnologia, esse processo foi realizado de forma um pouco mais natural, no entanto, com os alunos mais velhos e, conseqüentemente, com menos afinidade com a tecnologia, foi mais desafiador.

Apesar dos alunos mais antigos terem recebido a notícia do ensino remoto com certa naturalidade, a professora explicou durante a entrevista que foi preciso um trabalho de conscientização quanto à prevenção e transmissão do vírus causador da COVID-19. Essa conscientização gerou nos alunos a sensação de que no ensino remoto residia uma alternativa para a situação de afastamento, e apesar da preferência pelo ensino presencial, a falta de uma data para vacinas, o cessar das atividades, e a insegurança quanto ao retorno

das aulas presenciais fizeram com que os alunos em sua maioria se engajassem nessa modalidade de ensino. Em um dos trabalhos compilados na coletânea “O cotidiano no cotidiano da pandemia: reflexões e experiências com a educação musical”, Oliveira (2021) destaca ter ouvido a seguinte frase mais de três vezes “A música salvou a pandemia” – vindas de pessoas as quais começaram, assim como ele, a fazer aula de violão *online em 2020* (Oliveira, 2021, p. 17).

A professora Flávia explica que a cooperação entre professores e família, principalmente no caso dos alunos menores de idade, adolescentes e crianças, foi imperativa para que o ensino remoto fosse implantado nos conservatórios que atuava. Para a Professora Flávia isso se tornou uma verdadeira “faca de dois gumes”, pois, nos ambientes em que a família apoiava e acompanhava seus alunos a realidade era uma, mas naquelas em que os alunos ficavam por conta própria, era outra completamente diferente. O apoio da família foi fundamental para o processo do ensino remoto, pois envolveu o uso de espaços comuns e às vezes também recursos tecnológicos comuns, como celulares, tablets e computadores, se a família não estruturasse uma rotina de utilização desses recursos e de horários, as dificuldades seriam imensas.

Para a professora, a estratégia de manter os horários das aulas síncronas ajudou bastante a manter uma rotina de estudos mais organizada, e coube ao professor deixar essa rotina mais solta ou manter os horários mais fixos. Aqui, é possível perceber que cada caso é um caso, mas que a similaridade dos horários de encontro, trouxe uma rotina mais organizada.

Os recursos tecnológicos usados nas aulas síncronas pela professora foram se aprimorando ao longo do trabalho, e coisas que pareciam difíceis no começo como por exemplo compartilhamento de tela, ajustes de microfone nas ferramentas de chamada de vídeo e edição de pequenos vídeos, foram ficando mais fáceis com o passar do tempo.

Os professores dos conservatórios, segundo ela, podiam escolher entre duas modalidades metodológicas diferentes, as aulas síncronas e vídeos gravados para serem assistidos de forma assíncrona. A professora pode perceber que os alunos se engajavam mais com as aulas síncronas e que faltava familiaridade e conexão com o material gravado e assistido de forma assíncrona. Ela fala sobre esse contato:

Acredito que esse contato com eles toda semana ajudou um pouco. Teve uma época que os professores podiam escolher por fazer vídeos ao invés das aulas síncronas. Um aluno disse: “Não quero ficar vendo vídeo não”, então ficamos só no “presencial” (vídeo), e acho que a questão de continuar ali todo dia ao vivo, dando essas aulas, foi o que me ajudou,

isso evitou muitas desistências. (Professora Flávia, entrevista, dia 23/02/2024, p. 05).

Outro ponto interessante de se destacar na fala da professora, é que funções mais administrativas também foram assumidas por ela, como por exemplo o controle de presença, contato com famílias, e orientação educacional ficaram todos à cargo dos professores. Além disso, os mesmos tinham que acompanhar cada caso de perto, apesar da organização dos contatos por parte do conservatório, os próprios professores ficaram responsáveis pelos controles de frequência e casos específicos como o de alunos que falavam que estavam assistindo as aulas para as famílias, mas na verdade estavam faltando aos encontros.

A professora mencionou a imaturidade dos alunos e a falta de acompanhamento familiar como os principais desafios enfrentados durante o ensino remoto. Essas dificuldades sobrecarregaram suas funções docentes, que já eram complexas devido à necessidade de ministrar aulas síncronas com recursos limitados e em um ambiente virtual inadequado.

Em seu trabalho "Caminhos Criativos no Ensino da flauta doce" (2015), Freixedas (2015) cita Edgar Hunt para contextualizar a importância do desenvolvimento de habilidades musicais por meio do aprendizado da flauta doce. Ela também usa o trabalho de Hunt para defender uma abordagem criativa e abrangente para o ensino do instrumento, que vá além de seu uso apenas como ferramenta pedagógica. Para Edgar Hunt (Hunt, 2002 apud Freixedas, 2015, p. 49), “[...] tocar flauta doce treina os ouvidos, olhos e dedos. Ouvidos para checar afinação, olhos para ler música, e dedos prontos para dominar qualquer dedilhado.”

Durante esse tempo de experiência no ensino remoto a professora apontou alguns pontos pertinentes em relação ao estudo específico da flauta doce. A professora ressalta a importância do toque físico nas aulas de música, especialmente para crianças. Noções como postura, sonoridade e embocadura exigem uma interação sensorial e tátil que é difícil de replicar no ensino remoto. Conceitos como apoio diafragmático, articulação da língua e ergonomia instrumental, que demandam um controle corporal preciso, tornam-se ainda mais desafiadores nesse formato. Essa dificuldade em transpor o aprendizado multissensorial da flauta doce para o ambiente online fica evidente em sua fala.

Enquanto no presencial, você pega na mão do aluno, e conserta a posição da mão, no online não tem jeito. Fica mais difícil de se explicar as posições do lábio e das mãos, e o jeito é buscar diversas formas de

se explicar sem o toque, algumas formas lúdicas, para que eles possam executar a técnica. Uma das maiores dificuldades foi essa questão da distância. (Professora Flávia, entrevista, dia 23/02/2024, p. 06).

No relato da professora, ela destacou a diferença na sonoridade do instrumento, isso aconteceu pela baixa qualidade dos aparelhos eletrônicos, assim como a qualidade da transmissão de internet. A tecnologia *Voice over Internet Protocol* (VoIP), com sua compressão de dados em aplicativos como Zoom, Skype e Google Meet e os microfones inadequados embutidos em laptops e celulares, projetados para captar a voz humana, não conseguem captar a amplitude de frequências produzidas por instrumentos musicais, isso compromete a qualidade da captação sonora, impactando a percepção das nuances e características do instrumento (Gohn, 2015).

A professora também apontou que a flauta doce em específico é um instrumento que possui um registro de alturas mais agudas, que costumam “estourar” captadores que não estejam configurados corretamente, ou seja, quando um sinal de áudio excede a capacidade de processamento de um dispositivo causando uma distorção no som, isso implica diretamente na forma como o professor vai ouvir e avaliar essa sonoridade do aluno. A perda nessa qualidade do áudio coloca em pauta novos parâmetros de escuta por parte do professor, pensando agora em uma nova dosagem de som, e ignorando às vezes nuances que só poderiam ser percebidas no encontro presencial.

Essas adaptações do presencial para o *online* não aconteceram somente na sonoridade, a transição para o ensino remoto impactou a postura dos alunos durante as aulas de flauta doce. Enquanto no ensino presencial a postura ereta, em pé, era privilegiada para garantir uma boa respiração e sonoridade, o ensino remoto, com o aluno sentado em frente à tela, dificultou a manutenção dessa postura (Alvarenga; Joly, 2021). Essa mudança postural, associada à limitação do campo visual da câmera, exigiu uma observação mais abrangente por parte da professora, ela destaca em sua fala que:

Na postura, era preciso se atentar também naquilo que não estava presente na câmera, se o aluno estava em pé ou sentado, se as mãos estavam apoiadas em algum objeto ou mesa e até mesmo se a mão estava sendo colocada na parte correta do instrumento. (Professora Flávia, entrevista, dia 23/02/2024, p. 06).

A atenção a esses detalhes, muitas vezes imperceptíveis no ensino remoto, evidencia a necessidade de adaptar as práticas pedagógicas para garantir a qualidade do aprendizado.

Mesmo com todos os ruídos sonoros e visuais das câmeras e microfones dos alunos, esses novos parâmetros de imagem e som caminham juntos para um melhor acompanhamento e desenvolvimento. Para a professora, essas correções de forma síncrona ajudaram muito nesse processo de adaptação, pois, estando ali ao vivo, com áudio e vídeo, era possível, com esses novos parâmetros de avaliação, fazer uma correção mais assertiva do que em um vídeo gravado.

Algo que o ensino remoto também salientou para a professora, foi a defasagem no ensino básico das questões relacionadas à flauta doce, com alunos com dificuldade de identificar até mesmo o modelo da sua flauta, se era Barroca ou Germânica.

Assim é possível afirmar que as maiores dificuldades enfrentadas pela professora no ensino de flauta doce foram relacionadas às técnicas que são primordiais para o aprendizado básico do aluno. Postura, sonoridade, embocadura e dedilhado tiveram que ser adaptadas em novos parâmetros.

A experiência da professora Flávia durante a pandemia revela a resiliência e a capacidade de adaptação dos docentes de música, que, diante de um cenário desafiador, buscaram novas formas de manter a conexão com seus alunos e garantir a continuidade do aprendizado musical. A necessidade de utilizar ferramentas digitais e adaptar as práticas pedagógicas a um novo contexto exigiu um grande esforço por parte dos professores, que precisaram desenvolver novas habilidades tecnológicas. Embora o ensino remoto tenha apresentado limitações, como a falta de contato presencial e a qualidade da captação sonora, ele também proporcionou oportunidades para a inovação e o desenvolvimento de novas metodologias de ensino, através da utilização de projeções em tela e materiais digitalizados. A experiência adquirida durante a pandemia demonstra a importância de investir em políticas públicas que garantam o acesso à tecnologia e o desenvolvimento profissional dos docentes.

É possível inferir que o conservatório de música ofereceu pouco suporte à professora durante o período de ensino remoto, limitando assim seus recursos e possibilidades de ação. A ausência de um plano específico do ensino remoto de música para os conservatórios estaduais resultou em uma sobrecarga de trabalho para professores e funcionários, que precisaram adaptar-se rapidamente a uma nova realidade sem o suporte adequado. A professora pontua em sua fala essa falta de apoio:

Muitos professores reclamavam que tinham que usar a própria internet, alguns não tinham internet Wi-fi em casa, tinham que ficar usando dados pessoais. [...] O que tivemos foi o básico que o conservatório teria

que passar, uma lista de alunos, lista de telefone e reuniões para passar algumas informações para os professores. (Professora Flávia, entrevista, dia 23/02/2024, p. 06).

A falta de recursos tecnológicos, como internet de qualidade e equipamentos adequados, comprometeu a qualidade das aulas online e a interação entre professores e alunos. Além disso, a ausência de limites claros entre a vida profissional e pessoal dos professores, que tiveram que usar seus números de telefone pessoais por exemplo, e que eram constantemente solicitados por alunos e familiares sem um horário definido, contribuiu para o aumento do estresse e da sobrecarga de trabalho. A pandemia expôs as fragilidades de recursos tecnológicos nos conservatórios, evidenciando a necessidade de maior investimento e apoio por parte do Estado para garantir a qualidade da educação musical e a valorização desses importantes espaços culturais.

## **5. As adaptações da professora de flauta doce**

Sobre as adaptações específicas para o ensino de flauta doce, a professora destacou que se comunicou com colegas da área e que de forma geral as dificuldades eram parecidas, principalmente no engajamento e estudo dos alunos com as aulas remotas. A transição para o ensino remoto evidenciou um desafio já presente no ensino presencial da música: a falta de autonomia dos alunos. Conforme apontado por Duarte (2016 p. 21), "os alunos do ensino especializado de música manifestam, frequentemente, dificuldades em realizar o seu estudo individual, sozinhos". Essa dificuldade, observada de forma geral no ensino musical, foi percebida também nas aulas remotas de flauta doce da professora Flávia, com relatos da mesma e de colegas professores indicando que a falta de autonomia nos estudos por parte dos alunos foi, e ainda é, uma dificuldade recorrente nos alunos do conservatório. A falta de apoio familiar e a ausência de um método de estudo eficaz, evidenciando uma falha grave no ensino de instrumento, mesmo no formato presencial, foram agravadas pelo ensino remoto. Essa realidade exigiu dos professores a busca por estratégias inovadoras para incentivar a autonomia e o desenvolvimento de hábitos de estudo mais eficientes nos alunos.

As estratégias para driblar essas barreiras foram diversas. Estabelecer novos parâmetros para se falar da sonoridade e postura dos alunos, motivá-los com recitais gravados e apresentações virtuais, aulas síncronas, flexibilidade nos horários de atendimento, materiais disponíveis de forma integral em *drives* compartilhados, foram as principais adaptações feitas pela professora.

Sempre pensando e lembrando da situação em que todos se encontravam, o cenário difícil em que a pandemia colocou a sociedade exigia um certo cuidado com a relação professor-aluno. Uma compreensão com os horários e a flexibilização do programa, foram determinantes para enfrentar o desafio de estudar em meio a uma pandemia. Humanizar o ensino ainda mais foi uma das ferramentas que fez esse processo de aprendizado mais eficiente, transformando os momentos das aulas em uma distração que ajudava preservar a saúde física e mental dos alunos. A professora percebeu que a falta de estudo no início das aulas refletia a situação, mas durante o percurso isso mudou e esse processo estava associado a realidade de se passar por uma pandemia:

Percebi que eles não estudavam, não porque eles não queriam, a maioria deles estava perdendo pessoas ou estava com parentes doentes. Eu tive alunos que pegaram COVID. Acho que o maior desafio foi o psicológico. [...] Por outro lado eu percebo hoje que eles estudavam muito mais na época da pandemia, até porque eles não podiam sair, e tinham o estudo como uma forma de poder relaxar. (Professora Flávia, entrevista, dia 23/02/2024, p. 07).

A prática em conjunto se mostra um elemento fundamental no ensino e aprendizagem da flauta doce, proporcionando benefícios tanto musicais quanto extramusicais. Como afirma Ivo (2013 p. 01), “no ensino da flauta doce, é muito comum a utilização das práticas coletivas, seja através da formação de grupos ou das aulas coletivas”. Essa prática, presente em diversos contextos educacionais, contribui para o desenvolvimento de habilidades musicais essenciais, como a percepção rítmica e melódica, a leitura musical e a técnica instrumental, além de favorecer a socialização, a cooperação e a disciplina. A pandemia, com a impossibilidade de tocar de forma simultânea, exigiu adaptações para a prática em conjunto, e deu lugar a novas estratégias como a gravação de vídeos, apresentações e recitais virtuais. Nesse novo modelo de prática, o envolvimento da família na gravação e suporte foi um dos pontos mais positivos.

Tudo que se desdobrou dessa prática, funcionou bastante como estratégia do ensino remoto, pois trouxe para os alunos e família o sentimento de identificação, assim como em apresentações e recitais presenciais. A professora Flávia mencionou que:

O máximo que teve de prática em conjunto, que consegui “unir”, foram nos recitais, em que cada um gravava em casa, depois eu juntava tudo e fazia um recital de todo mundo. [...] quando eu pedia para os alunos fazerem os vídeos, para o recital, nossa, a família inteira se envolvia, não só o aluno. A família me mandava mensagem, pra saber se podia

fazer de tal forma, se podia gravar de terno. Então, eu achei que eles ficaram super empolgados. [...] acho que foi sim uma forma de escapar um pouquinho do que estava passando. (Professora Flávia, entrevista, dia 23/02/2024, p. 08).

Apesar da falta de recursos para realizar o ensino remoto, alguns frutos positivos brotaram desse período. A professora destacou que os alunos puderam ter acesso mais fácil a diferentes literaturas da flauta doce, que antes eram compiladas em apostilas, e isso fazia com que os alunos tivessem conhecimento de fragmentos das obras, e muitas vezes sem saber o compositor. O acesso ao material digitalizado facilitava o acesso a conteúdos que de forma física poderiam talvez nem ser abordados nesses períodos de aula presencial.

Questionada sobre o ensino remoto, a professora usou uma única palavra para resumir a experiência: 'desafio'. A palavra revela a complexidade e o impacto emocional que essa nova realidade representou para ela.

Acho que foi um desafio. É a palavra que foi. Foi bem puxado. Desafiador, desafiou o último fio dos meus cabelos, como professora. (Professora Flávia, entrevista, dia 23/02/2024, p. 10).

A pandemia impôs uma série de desafios sem precedentes aos professores, exigindo adaptação, resiliência e criatividade para lidar com um cenário completamente novo. Como destacam Oliveira e Santos (2021 p. 02), “a transição abrupta do ensino presencial para o remoto, num contexto de medo e preocupação devido ao novo coronavírus, trouxe uma série de novos desafios aos professores”. As dificuldades se estenderam desde a manutenção da própria saúde e bem-estar, passando pela busca por novas formas de cativar os alunos através de uma tela, até a transmissão de conhecimentos e técnicas em um ambiente limitado pelas tecnologias e recursos disponíveis, principalmente quando se fala do ensino de flauta doce.

O adoecimento de professores, seja físico ou mental, tornou-se uma realidade preocupante, evidenciando a necessidade de maior suporte e atenção à saúde e bem-estar dos docentes.

A professora acrescenta ao relato um trabalho realizado com alunos com deficiência durante esse período de ensino remoto. Neste relato, a mesma destaca a presença de uma professora de apoio para uma criança surda e o engajamento que um aluno autista e sua família tiveram com as aulas, ambos entram para a galeria de boas experiências da professora durante esse período.

Acho que uma das coisas que foi muito legal durante esse período foi o trabalho com os alunos especiais. Eu tive uma aluna que tinha somente 20% da audição, tinha que entrar uma pessoa comigo na chamada fazendo libras. Eu fui aprendendo alguns sinais, e algumas formas de ensinar pra ela. Que ela foi aprendendo e conseguiu tocar bastante. Então, assim, quando o som estava mais forte, eu falava pra ela. Você tem que soprar menos, porque ela tinha a tendência de tocar muito forte. Porque como a audição era pouca ela tinha a tendência de soprar mais forte, para poder se escutar, aí eu falava pra ela que pro som sair bonito tinha que diminuir a força, e fazia um gesto para baixo com a mão para que ela percebesse. [...] também tive um aluno autista, que foi um dos melhores alunos que tive na minha vida, ele tinha um pouco de dificuldade de escutar os pais, escutar as pessoas, e ele foi muito bem nas aulas, a gente criou um vínculo muito bom e não tive problemas dele não querer fazer a aula, e os pais falaram que em casa ele ficou mais calmo, acho que foi muito importante pros alunos especiais, como professora foi muito importante pra mim ter essa vivência. (Professora Flávia, entrevista, dia 23/02/2024, p. 10).

As adaptações da professora Flávia durante a pandemia foram diversas e revelam os desafios e as oportunidades do ensino remoto de flauta doce. A pandemia também proporcionou a criação de um vínculo mais próximo com os alunos e suas famílias. É possível perceber por sua fala que a experiência junto aos alunos com deficiência demonstra que a educação musical pode ser inclusiva e acessível, mesmo em um contexto desafiador. A pandemia, portanto, representou um marco relevante na história do ensino musical, exigindo dos professores uma grande capacidade de adaptação.

### **Considerações finais**

Este artigo apresentou resultados da pesquisa que buscou entender o impacto da pandemia de COVID-19 nas práticas pedagógico-musicais de uma professora de flauta doce atuante em dois conservatórios de Minas Gerais e as estratégias por ela utilizadas para se adaptar ao ensino remoto. O estudo revelou que a professora Flávia, assim como muitos outros professores de música, enfrentou desafios significativos na transição abrupta para o ensino remoto. A necessidade de reinventar suas próprias estratégias de vida e buscar novas formas de viabilizar a sociabilidade apesar do isolamento social se impôs a todos. A falta de familiaridade com as tecnologias, a urgência em criar metodologias e a dificuldade em transmitir a técnica instrumental à distância foram obstáculos a serem superados.

A professora Flávia relatou a dificuldade de engajamento dos alunos nas aulas remotas, impactado pela ausência do contato presencial e pelas limitações do ambiente

virtual. Para contornar essa realidade, ela adotou diferentes estratégias, como a manutenção de aulas síncronas, a flexibilização do programa e a humanização do ensino, buscando criar um ambiente acolhedor e compreensivo diante das dificuldades enfrentadas pelos alunos durante a pandemia. Para a Professora foi preciso analisar a pandemia de COVID-19 por diferentes ângulos, sem se limitar a visões únicas e dominantes e, muito além disso, 'descolonizar' a discussão, ou seja, considerar as experiências e perspectivas de diferentes grupos sociais que abrangem a comunidade dos conservatórios. A professora percebeu que o estudo da música se tornou uma forma de escape para os alunos, que enfrentavam perdas, doenças e o tão sofrido isolamento social, suas experiências acabaram confirmando a importância da música como ferramenta de suporte emocional em momentos de crise.

O estudo também revelou desafios específicos relacionados ao ensino remoto da flauta doce. A transmissão das nuances sonoras do instrumento foi comprometida pela baixa qualidade dos equipamentos e da internet, impactando a percepção da professora e dificultando o feedback aos alunos. O tempo que o som levava para ser transmitido e ouvido (latência) prejudicou a sincronia necessária para a performance musical em conjunto. A adaptação da postura também se tornou um desafio, exigindo da professora atenção redobrada a detalhes que muitas vezes passavam despercebidos no ensino presencial. A ausência do toque, fundamental no ensino presencial da flauta doce para a correção de postura, embocadura e dedilhado, também se tornou um obstáculo. Essa preocupação da professora com os aspectos técnicos de extrema importância para o instrumento foi norteadora de suas ações e reflexo de sua formação em música, que em sua própria fala diz que apesar de difícil, teve retornos muito positivos.

A prática em conjunto, fundamental para o aprendizado da flauta doce, precisou ser adaptada ao contexto remoto. A professora Flávia utilizou estratégias como a gravação de vídeos e a realização de recitais virtuais, que contaram com a participação das famílias. A necessidade de “fazer música coletivamente”, mesmo à distância, se mostrou fundamental para o desenvolvimento musical de seus alunos e engajamento das famílias.

Apesar das dificuldades, a professora Flávia também identificou aspectos positivos no ensino remoto. O acesso facilitado a diferentes literaturas musicais, antes limitado a apostilas com fragmentos de obras, permitiu aos alunos um contato mais amplo com o repertório da flauta doce. Além disso, ela destacou a criação de um vínculo mais próximo com os alunos e suas famílias, que se envolveram ativamente no processo de aprendizagem, especialmente na produção dos vídeos para os recitais virtuais. As

ferramentas e técnicas utilizadas para registrar as recentes atividades virtuais contribuíram para a aproximação entre professora, alunos e familiares.

É importante destacar a resiliência da professora Flávia que se reinventou como educadora musical, buscando alternativas para garantir a continuidade do aprendizado de seus alunos. A necessidade de “encontrar e às vezes inventar alternativas para estar juntos e próximos apesar da distância física” impulsionou a criatividade e a busca por soluções inovadoras. A experiência junto aos alunos com deficiência, também demonstrou a capacidade de adaptação e a busca por soluções inclusivas no ensino remoto.

Os resultados da pesquisa poderão subsidiar a proposição de recomendações para a implementação de práticas pedagógicas mais eficientes, tanto em situações de emergência quanto em um contexto de ensino híbrido, contribuindo para o desenvolvimento de políticas públicas e diretrizes para o ensino de música a distância.

A pesquisa, no entanto, apresenta algumas lacunas que podem ser preenchidas em trabalhos futuros, como o entendimento das aulas de flauta doce no contexto pós-pandêmico e a realização de estudos futuros que investiguem temas como o “acúmulo de tarefas” e a “precarização” da profissão docente e quais os impactos à saúde mental dos professores no contexto do ensino remoto.

Por fim, o estudo reforça a importância do ensino de música, mesmo em contextos desafiadores. A pandemia impôs obstáculos, mas também evidenciou a capacidade de adaptação dos professores e a relevância da música como ferramenta de desenvolvimento humano e suporte emocional. As experiências e estratégias compartilhadas pela professora Flávia contribuem para a construção de um ensino musical mais inclusivo, preparado para enfrentar os desafios do presente e do futuro.

## REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Gabrielle; JOLY, Ilza Zenker Leme. Processos educativos no ensino de flauta doce por meio do Método Suzuki: formação musical e humana. In: Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música, 29., 2021, Online.

**Anais...** Online, 2021. Disponível em:

[http://abemeducacaomusical.com.br/anais\\_congresso/v4/papers/792/public/792-4062-1-PB.pdf](http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v4/papers/792/public/792-4062-1-PB.pdf). Acesso em: 3 nov. 2024.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. A formação profissional do educador musical: algumas apostas. **Revista da ABEM**, v. 11, n. 8, 2003. Disponível em:

<https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/410>. Acesso em: 9 out. 2024.

BOOTH, Wayne C.; COLOMB, Gregory G.; WILLIAMS, Joseph M. **A arte da pesquisa**. Tradução de Henrique A. Rego Monteiro. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BRAGA, Anke Waldbach. Trajetória discente de licenciandos em música: estudando o perfil dos alunos de licenciatura em música da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). In: SIMPOM: Educação Musical, 2018.

**Anais...** SIMPOM, 2018. Disponível em:

<https://seer.unirio.br/simpom/article/download/7709/6660/0>. Acesso em: 27 out. 2024.

BRASIL (Presidência da República). **Lei n.º 14.040**, de 18 de agosto de 2020. Brasília, DF. Disponível em:

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/lei/L14040.htm#:~:text=Fica%20facultado%20aos%20sistemas%20de,escolar%20do%20ensino%20m%C3%A9dio%2C%20no](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L14040.htm#:~:text=Fica%20facultado%20aos%20sistemas%20de,escolar%20do%20ensino%20m%C3%A9dio%2C%20no). Acesso em: 18 ago. 2024.

DUARTE, Maria de Fátima Dias. **Motivar e desenvolver competências de autonomia como meios facilitadores do estudo musical individual**. 2016. Dissertação (Mestrado em Docência e Gestão da Educação) – Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2016.

Disponível em:

<https://www.proquest.com/openview/053e32dfaebc4bee01f078c0e421a110/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=yPB.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2024.

ESPERIDIÃO, Neide. **Educação musical e formação de professores: suíte e variações sobre o tema**. 2011. 197 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em:

<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-26052011-154753/>. Acesso em: 9 out. 2024.

FREIXEDAS, Claudia Maradei. **Caminhos criativos no ensino da flauta doce**. São Paulo: Claudia Freixedas, 2015. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27158/tde-17112015-095226/publico/ClaudiaMaradeiFreixedas.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2024.

GOHN, Daniel Marcondes. Educação musical com as tecnologias da EaD. In: SILVA, Helena L.; ZILLE, José Antônio B. (org.). **Música e educação**. Barbacena: EdUEMG, 2015. p. 157-169. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistadatulha/article/view/170749/167927>. Acesso em: 3 nov. 2024.

HODGES, Charles.; et al. The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning. **EDUCAUSE Review**, 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>. Acesso em: 27 abr. 2024.

IVO, Laís Figueiroa. A prática coletiva da flauta doce no contexto do ensino superior: uma investigação de três grupos musicais ligados a universidades. Comunicação apresentada no ANPPOM, 28., 2013, Brasília, DF. **Anais...** Brasília, DF: ANPPOM, 2013. Disponível em: [http://abemeducacaomusical.com.br/anais\\_congresso/v1/papers/1499/public/1499-4395-1-PB.pdf](http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v1/papers/1499/public/1499-4395-1-PB.pdf). Acesso em: 4 nov. 2024.

MINAS GERAIS (Estado). **Resolução SEE n.º 4310/2020**, de 22 de abril de 2020. Belo Horizonte, MG. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1g63RVYRMcGoYXQwnf35\\_Igup-X1axZBt/view](https://drive.google.com/file/d/1g63RVYRMcGoYXQwnf35_Igup-X1axZBt/view). Acesso em: 18 ago. 2024.

OLIVEIRA, Cleiton Luiz Freitas de. Reinventar o cotidiano sem naturalizar a pandemia. In: SOUZA, Jackeline Maria de et al. (org.). **O cotidiano no cotidiano da pandemia: reflexões e experiências com a educação musical**. Porto Alegre: Scientific, 2021. p. 15-19.

OLIVEIRA, Erik Cunha de; SANTOS, Vera Maria dos. Adoecimento mental docente em tempos de pandemia. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 4, p. 39193-39199, abr. 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n4-399. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/28307/22408>. Acesso em: 4 nov. 2024.

SCHUCHMANN, Alexandra Zanella; SCHNORRENBARGER, Bruna Luiza; CHIQUETTI, Maria Eduarda; GAIKI, Raiane Suzana; RAIMANN, Bruno Wensing; MAEYAMA, Marcos Aurélio. Isolamento social vertical X Isolamento social horizontal: os dilemas sanitários e sociais no enfrentamento da pandemia de COVID-19. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 3556–3576, 2020. DOI: 10.34119/bjhrv3n2-185. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/9128>. Acesso em: 27 abr. 2024.

SOUZA, Jusamara Vieira; SPECHT, Ana Cláudia; CHAGAS NETO, Antonio; MARQUES, José Sérgio; GONÇALVES, Luciana Nunes; LORENZETTI, Margarida A. Gonçalves; LEÓN, Rita T. León (org.). **O cotidiano no cotidiano da pandemia: reflexões e experiências com a educação musical**. Porto Alegre: Scientific, 2021.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.